

Revolução emergente

D.M - 13-02-97

Luis César Bueno

O marxismo, ciência política que influenciou expressivas gerações de intelectuais do século XX, introduziu o conceito de análise baseado no Materialismo, Histórico e Dialético, onde as sociedades são caracterizadas pelos aspectos: Sociais, Políticos e Econômicos. Enquanto processo econômico em curso, a concepção de análise científica este método continua sendo o elemento que os historiadores, economistas e cientistas políticos possuem para constantemente atualizarem a conjuntura mundial.

Entretanto, estamos vivendo nestes últimos anos de século XX, um processo muito rápido de transformações das relações de trabalho, de produção da vida familiar e cultural. Mudanças rápidas e radicais estão ocorrendo em cada uma das muitas dimensões da sociedade.

O que Alvin e Heidi Toffler denominam de a "Terceira Onda" no livro "Criando uma nova civilização" (Editora Record), Tasso Gento em seu artigo "Uma nova cultura de solidariedade", publicado no caderno "Mas" do jornal Folha de S. Paulo do dia 12/01/97, chama de Terceira Revolução Científica Tecnológica.

Alvin e Heidi Toffler, pre-constizam também, como primeira Onda, a Revolução Agrícola, que possibilitou a estruturação econômica das primeiras grandes civilizações (8.000 anos a.C. até 1.650 - 1.750) e como Segunda Onda, o industrialismo, iniciado com a Revolução Industrial e em fase de decadência neste final de século.

Estamos à procura de palavras para descrever a potência e o alcance totais destas mudanças extraordinárias. Alguns falam de Idade Espacial, Idade de Inovações, de uma Era eletrônica ou de uma Aldeia Global que se anuncia. Zbigny Daniel Bell descreve a vinda de uma "Sociedade Pós-Industrial". Os futuristas Russos falam da R.T.C. — a "Revolução Tecnológica Científica".

O interessante deste estudo é poder perceber claramente as diferenças destes ciclos. A primeira, a Revolução Agrícola simbolizada pela "terra" e pela "enxada", a segunda, a Revolução Industrial e o

Industrialismo pela "Linha de montagem" e a Terceira, a Revolução Científico-Tecnológica representada pelo "computador".

Em todos os modos de produção em que as sociedades passaram, o escravismo, o feudalismo e o capitalismo, aconteceram longos processos de transição para adaptação total do processo econômico em curso. A transição do escravismo para o feudalismo por exemplo, custou a destruição do Império Romano no século IV, originando uma nova estrutura onde a terra era sinônimo de poder, dirigida pela nobreza e pela Igreja Católica. Para romper esta estrutura feudal, 1.000 anos após, surgiu uma classe revolucionária denominada de burguesia, que através do comércio revitalizou as cidades, e com uma ampla aliança com a realeza, instituiu o Absolutismo, ficando as condições necessárias à transição para o capitalismo que definiu todo o seu campo de ação após a Revolução Industrial.

Na década de 1980, uma nova civilização começou a emergir, a "civilização do conhecimento". Este novo ciclo da História poderá até mesmo desencadear futuramente um novo modo de produção, principalmente, se levamos em consideração a instituição na sociedade do individualismo, em detrimento da esperança de organizações coletivas destruídas após a queda do muro de Berlim, e com o fim do socialismo "Real" no leste Europeu.

A utopia de uma sociedade justa continua existindo, porém os mecanismos de realizar este sonho permaneceu totalmente preso no Industrialismo. Podemos afirmar que a Revolução Técnico-Científica em curso, significa ativamente a transição do Industrialismo, simbolizado pela fábrica e pelas máquinas para um novo mundo onde as fontes de energia serão diversificadas, as escolas e corporações serão novas e radicalmente modificadas. A civilização emergente, que Toffler chama de "Terceira Onda", nos transporta para além da concentração de energia, dinheiro e poder.

O conhecimento constitui uma ameaça maior a longo prazo para o poder financeiro. A Revolução da Informação está reduzindo a necessidade

de de capital, por unidade de consumo.

O próprio processo de globalização da economia demonstra claramente esta questão. Em Goiás, por exemplo, os produtos agropecuários importados do Mercosul, chegam ao mercado com preços inferiores aos produzidos em nosso Estado que faz muito pouco investimento em tecnologia.

Na proporção em que o processo de informatização, evidenciado principalmente pela robótica avança sobre as linhas de montagem das fábricas, caracterizadas pelo industrialismo, o que teremos é um contingente muito menor de empregados e infinitamente, uma produtividade extremamente superior com qualidade nos produtos e preços cada vez menores. Os países onde a economia é basicamente agrícola, agitam-se

nas empresas e até mesmo para os indivíduos que tem o conhecimento e a capacitação profissional. Será a linha básica da estrutura de produção do futuro.

Diante deste quadro, novos sujeitos serão a referência neste processo de transição e de mudança de século. A caracterização de país desenvolvido será em função da qualidade de vida, daí uma preocupação fundamental com o meio ambiente. Outro aspecto que necessita ser redefinido, é o da perda gradativa da expressão política da classe operária tradicional, estruturada nas linhas de produção em função do aumento explosivo do setor de serviço.

Com a onda de desemprego massiva desencadeada por estas transformações estruturais na sociedade, provocada a curto prazo

as empresas e até mesmo para os indivíduos que tem o conhecimento e a capacitação profissional. Será a linha básica da estrutura de produção do futuro.

Nos últimos vinte anos o homem dobrou o seu conhecimento adquirido ao longo de 10.000 (dez mil) anos. Com certeza nos próximos 5 anos todo esse conhecimento será novamente dobrado.

Sem perceber essas conexões é impossível entender as manchetes que nos cercam diariamente. Pois o conflito político e social hoje, não é mais, entre o rico e pobre, entre grupos étnicos, ou mesmo, entre as concepções de capitalismo e socialismo. A luta decisiva do

"Vivemos dentro de uma história que se supera continuamente... O progresso científico e técnico das sociedades atuais, sobretudo as mais avançadas estão em contínua superação"

(Norberto Bobbio)

através do computador, o cidadão trabalhador estará ligado a toda uma estrutura de produção relacionada ao seu trabalho, sendo ele um professor, um biólogo, médico, genheiro, industrial, economista ou operário.

Entretanto, alguns setores em sua quase totalidade, não perceberam que estamos vivendo um período de transição revolucionária. Os parlamentares e os partidos continuam presos ao clientelismo e as concepções arcaicas do moribundo industrialismo.

Lamentavelmente, nossas Universidades que deveriam ser as propulsores de toda essa discussão, possuem a maioria de seus cursos com currículos, voltados a estruturação do industrialismo e da velha ordem vigente.

Parte dessa responsabilidade, decorre do fato de praticamente não existir investimento em pesquisas. Os incentivos aos projetos reduzem substancialmente o tempo e o caminho para as transformações. Algumas universidades brasileiras chegam a comprometer 95% de seu orçamento apenas com pessoal.

Mas independentemente do papel do Estado, dos políticos, das uni-

dades, a revolução está em marcha. A transição da sociedade industrial para uma sociedade do conhecimento Técnico-Científico é inevitável. Desnecessário dizer que ambos os projetos, o capitalismo e o socialismo estatista tecnocrático, por motivos diversos, não apresentam hoje, nenhuma perspectiva de futuro.

A nova hegemonia social deve partir dos seguintes compromissos programáticos mínimos: a não aceitação da exceção como necessidade, a socialização do poder político e a consideração da finitude dos recursos naturais.

Independente das condições de trabalho e dos recursos, as Universidades devem ser o laboratório onde as ideias, e os debates e as discussões com a sociedade se efervescessem, como aconteceu, nas décadas de 60 e 70 na luta pela democratização do país. No entanto, grande parte dos professores são meros reproduzidores do conhecimento embasado no industrialismo, longe das novas comunidades eletrônicas, que espocam em torno da Internet, criando alternativas interativas.

Alienação maior ocorre com as Ciências Humanas, onde existe uma disciplina chamada prática de Ensino de Estudos Sociais, que até hoje, são ministradas nas Faculdades de Educação, condensando todo o conhecimento da Filosofia, da História, da Geografia e da Sociologia em uma única disciplina: "Estudos Sociais". Formado assim, professores limitados na capacidade de percepção do contexto geral da sociedade.

Com certeza desta forma não estaremos passando para os nossos alunos a nova concepção de mundo que está surgindo. Continuamos como Políticos, Educadores e Estado, atropelados pelo curso inevitável da "Terceira Onda".

Luis Cesar Bueno é Vereador pelo PT de Goiânia e professor licenciado em História e Estudos Sociais pela Universidade Católica de Goiás.

